



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU
EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

JOEL REGINALDO SOL

HISTÓRIAS E SENTIDOS DO POVO TERENA DA ALDEIA AGUA AZUL

Campo Grande/MS
2018

JOEL REGINALDO SOL

HISTÓRIAS E SENTIDOS DO POVO TERENA DA ALDEIA AGUA AZUL

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: ensino, história, terena

Orientadora: Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral

Campo Grande/MS
2018

5667h Sol, Joel Reginaldo.

História e Sentidos da Aldeia Agua Azul / Joel Reginaldo Sol.

UEMS 2018. Campo Grande, MS:

52f.; 30cm

Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande 2018

Orientador (a): prof.^a. Mc. Elisângela Lel da Silva Amaral

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

1. Terena. 2. História. 3. Sentido. 4 Autoria. I. Título

CDD – 23. End.981.41

JOEL REGINALDO SOL

HISTÓRIAS E SENTIDOS DO POVO TERENA DA ALDIA AGUA AZUL

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: ensino, história, terena

Orientadora:Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral

COMISSÃO EXAMINADORA

Elisângela Leal da Silva Amaral
PG-UNICAMP Prof^a. Ma./Presidente

Prof^a. Dr^a Valéria Faria Cardoso
UNEMAT

Prof^a. Dr^a Denise Silva
IPDE

Prof. Dr.
Suplente

Campo Grande - MS,28 de Novembro de 2018.

Dedico esta conquista aos povos da etnia terena, em especial da Aldeia Agua Azul que me proporcionou este momento de aprendizagem, e que só assim poderemos moldar e transformar uma nova sociedade.

AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta.

À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores reconheço um esforço gigantesco com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas Para evoluir um pouco mais todos os dias.

É claro que não posso esquecer da minha família e e amigos, porque foram eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

A todas as pessoas de alguma forma me ajudaram a acreditar Em mim eu quero deixar um agradecimento eterno, Porque sem elas não teria sido possível.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.”

Luiz de Camões

SOL, Joel Reginaldo. História e Sentidos da Aldeia Água Azul. Monografia (Especialização) – Língua e Cultura Terena. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019). 52p.

Resumo

Este trabalho objetiva pesquisar e registrar a história do meu povo terena, mais especificamente da aldeia Água Azul. o que até então era um arquivo presente na memória de nosso povo, transmitida oralmente por nossos antepassados, até chegar a nós. O sentido deste ato desloca o indígena da posição de silenciado, daquele que tinha sua história sempre contada por outro e que agora assume a posição de autoria. Assim, documentar e arquivar nossa história, cientificamente, em uma Universidade é fortalecer a presença do indígena terena enquanto cidadão brasileiro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas a anciãos construtores da História e/ou descendentes deles; revisão de documentos e arquivos familiares de fotos. O projeto de pesquisa traz um breve histórico do indígena no Brasil para efeito de contextualização, em seguida, a sequência de atos que originaram a Aldeia e resultaram em seu desenvolvimento.

Palavras-chave. Terena. História. Sentido. Autoria.

SOL, Joel Reginaldo. History and Senses of Água Azul Village. Monograph (Specialization) – Language and Culture Terena. State University of Mato Grosso do Sul, 2019). 52p.

Abstract

This work aims to search and record the history of my Terena people, specifically the village of Agua Azul. What until then was a file present in the memory of our people, transmitted orally by our ancestors, until arriving at us. The meaning of this act displaces the native from the position of silence, from the one who had his story always told by another and who now takes the position of authorship. Thus, documenting and archiving our history, scientifically, in a University is to strengthen the presence of the indigenous Terena as a Brazilian citizen. Data were collected through interviews with history-building elders and / or their descendants; review of documents and familiar photo files. The research project brings a brief history of the indigenous in Brazil for the purpose of contextualizing, then, the sequence of acts that originated the Village and resulted in its development.

Key words. Terena. Story. Sense. Authorship.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | |
| Objeto..... | |
| Objetivos..... | |
| <i>Corpus</i> | |
| Metodologia..... | |
| Suporte Teórico (se for mais do que 4 páginas, pode ser um capítulo) | |
| Relatório de Campo (se for trabalho de campo)..... | |
| | |
| I – Capítulo I -Estado da Arte | |
| | |
| II – Capítulo II - Análise dos Dados (pode ser dividido em vários capítulos..... | |
| | |
| 6 Considerações | |
| | |
| REFERÊNCIAS | 82 |
| | |
| ANEXOS | 85 |

ORIENTAÇÕES FORMATAÇÃO: SEGUIR A NBR 14724/2011. DE ANTEMÃO, SAIBAM QUE (RETIRADO DA NORMA CITADA)

5 Regras gerais

A apresentação de trabalhos acadêmicos deve ser elaborada conforme 5.1 a 5.9.

5.1 Formato

Os textos devem ser digitados ou datilografados em cor preta, podendo utilizar outras cores somente para as ilustrações. Se impresso, utilizar papel branco ou reciclado, no formato A4 (21 cm · 29,7 cm).

Os elementos pré-textuais devem iniciar no anverso da folha, com exceção dos dados internacionais de catalogação-na-publicação que devem vir no verso da folha de rosto. Recomenda-se que os elementos textuais e pós-textuais sejam digitados ou datilografados no anverso e verso das folhas.

As margens devem ser: para o anverso, esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm; para o verso, direita e superior de 3 cm e esquerda e inferior de 2 cm.

Recomenda-se, quando digitado, a fonte tamanho 12 para todo o trabalho, inclusive capa, excetuando-se citações com mais de três linhas, notas de rodapé, paginação, dados internacionais de catalogação na publicação, legendas e fontes das ilustrações e das tabelas, que devem ser em tamanho menor e uniforme.

5.2 Espaçamento

Todo texto deve ser digitado ou datilografado com espaçamento 1,5 entre as linhas, excetuando-se citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, natureza (tipo do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido e área de concentração), que devem ser digitados ou datilografados em espaço simples. As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por um espaço simples em branco.

Na folha de rosto e na folha de aprovação, o tipo do trabalho, o objetivo, o nome da instituição e a área de concentração devem ser alinhados do meio da mancha gráfica para a margem direita.

5.2.1 Notas de rodapé

As notas devem ser digitadas ou datilografadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaço simples de entre as linhas e por uma linha de 5 cm, a partir da margem esquerda. Devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente, sem espaço entre elas e com fonte menor.

5.2.2 Indicativos de seção

O indicativo numérico, em algarismo arábico, de uma seção precede seu título, alinhado à esquerda, separado por um espaço de caractere. Os títulos das seções primárias devem começar em página ímpar (anverso), na parte superior da mancha gráfica e ser separados

do texto que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5. Da mesma forma, os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede e que os sucede por um espaço entre as linhas de 1,5. Títulos que ocupem mais de uma linha devem ser, a partir da segunda linha, alinhados abaixo da primeira letra da primeira palavra do título.

5.2.3 Títulos sem indicativo numérico

Os títulos, sem indicativo numérico – errata, agradecimentos, lista de ilustrações, lista de abreviaturas e siglas, lista de símbolos, resumos, sumário, referências, glossário, apêndice(s), anexo(s) e índice(s) – devem ser centralizados.

5.2.4 Elementos sem título e sem indicativo numérico

Fazem parte desses elementos a folha de aprovação, a dedicatória e a(s) epígrafe(s).

5.3 Paginação

As folhas ou páginas pré-textuais devem ser contadas, mas não numeradas.

Para trabalhos digitados ou datilografados somente no anverso, todas as folhas, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, considerando somente o anverso. A numeração deve figurar, a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha.

Quando o trabalho for digitado ou datilografado em anverso e verso, a numeração das páginas deve ser colocada no anverso da folha, no canto superior direito; e no verso, no canto superior esquerdo.

No caso de o trabalho ser constituído de mais de um volume, deve ser mantida uma única sequência de numeração das folhas ou páginas, do primeiro ao último volume. Havendo apêndice e anexo, as suas folhas ou páginas devem ser numeradas de maneira contínua e sua paginação deve dar seguimento à do texto principal.

5.4 Numeração progressiva

Elaborada conforme a ABNT NBR 6024. A numeração progressiva deve ser utilizada para evidenciar asistematização do conteúdo do trabalho. Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando-se os recursos de negrito, itálico ou sublinhado e outros, no sumário e, de forma idêntica, no texto.

5.5 Citações

Apresentadas conforme a ABNT NBR 10520.

Falar do “índio” na história do Brasil não é tarefa fácil. Desde a carta de Pero de Magalhães Gândavo a Portugal, em 1500, na qual descreveu os nativos por meio do modo como os entendeu, ou como lhe era conveniente, a questão é permeada de equívocos:

Alguns vocabulos há nella de que nam usam senam as femeas, e outros que nam servem senam pera os machos: carece de tres letras, convem a saber, nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna despanto porque assim nam têm Fé, nem Lei, Nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido. (GÂNDAVO, 1980, p. 25)

Conhecer os indígenas suscita conhecer dois outros elementos: o colonizador, que o descreve e seus interesses ao descrevê-lo. Nesse sentido, falar do indígena é falar do colonizador e da imagem com que o colonizador “desenha” o indígena do Brasil, no início da história que conhecemos.

Era relevante que o indígena tivesse fé, rei e lei. A questão que se levanta é: ele tinha ou ele precisava ter/vivenciar essas expressões conforme os moldes de Portugal? A resposta cabível depende de onde se situa aquele que está autorizado a responder.

Outra definição interessante no perfil que o colonizador traça sobre o indígena é construído por Caminha, reproduzido na obra de Fonseca.

[...] quando, na carta de achamento, se sublinha a inocência, ou seja a não consciência da nudez por parte dos indígenas, está-se provavelmente a pensar – e todos quanto em Lisboa a vão ler provavelmente também o pensam – no versículo do Génesis (3.7.), onde se conta que a Adão e Eva, depois do Pecado, abriram-se-lhes os olhos a ambos e perceberam que estavam nus... Isto é, no discurso da Carta, a inocência é prova de que não houve pecado, ou seja, é ela que redime a bestialidade dos índios brasileiros. (FONSECA, 2000, p. 6)

Tão inocentes são, que necessitam serem moldados também aos conformes religiosos do colonizador. O que justifica a relação dos Jesuítas.

Um ponto bastante ressaltado na literatura que descreve o “Brasil na recém-descoberta”, diz respeito às riquezas presentes entre os nativos. Caminha e Gândavo retratam isso.

E sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de ElRei de Portugal, e mais perto sem comparaçam das povoações dos Portuguezes, que dos Castelhanos. [...] Do preço dellas nam trato aqui, porque ao presente o nam pude saber, mas sei que assi

destas como doutras há nesta Provincia muitas e mui finas, e muitos metaes, donde se pode conseguir infinita riqueza. (GÂNDAVO, 1980, p. 36)

Ora, para o escritor da missiva, toda a riqueza não tinha dono, o “índio” ingênuo, sem fé, sem lei e sem rei, não alcançava status de pessoa, muito menos de indivíduo com competência para ser dono de algo.

Sobre parte da carta de Caminha, apresentando as riquezas presentes nas terras dos nativos, escapa p prenúncio do que realmente ocorre com o indígena na chamada “História do Brasil”. A citação de Fonseca, num trecho sobre a carta de Caminha aponta o fato:

O quadro é claramente teatral. Cabral está sentado, em pose, rodeado da gente da sua nau, e de alguns capitães. Quando os índios entram *em silêncio*, um deles, apontando para o colar de ouro que o capitão tem ao pescoço e para um castiçal de prata, faz vários gestos, que os portugueses interpretam como indicativos de que em terra há ouro e prata. (FONSECA, 2000, p. 4 – grifo nosso)

Neste ponto, destaca-se uma característica ou um “modo de ser” do nativo, enfatizado por Caminha na carta. Poderíamos dizer que “escapole”, ou “salta” um efeito de sentido que acompanhará o “índio” desenhado pelo colonizador pelos próximos quinhentos e dezoito anos: o “silêncio”.

Eni Orlandi, pesquisadora pela Análise de discurso, estuda a questão do silêncio. Para a autora, o silêncio conta muitas histórias, diz muito, pode produzir muitos sentidos. Por ele podemos ainda observar as relações entre o que é e o que não é dito; entre o que pode e não pode ser dito.

Do ponto de vista da autora, o sentido e o sujeito do dizer se constituem ao mesmo tempo, e essa relação também envolve o sujeito que discursa. Logo “Como no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor, proibem-se certas “posições” do sujeito.”(Orlandi, 2007, p. 76).

Fazendo um atravessamento necessário, e olhando pela Semântica Histórica do Acontecimento, onde não se trata de sujeito, mas de um locutor específico, que esse silenciar pode funcionar como um tipo de censura política que impediria o locutor indígena de ocupar certos “lugares”. Já que ao enunciar, ele estaria ocupando um lugar social. Segundo Guimarães (2005, p. 8) “enunciar é uma prática política em um sentido muito preciso...”. Ora,

em uma sociedade a se constituir sobre a vastidão de terras sem donos “descobertas”, que lugar poderia caber o índio? Não havia lugar para essa voz nessa história pronta.

Entretanto, é preciso esclarecer que “O sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio.”(Orlandi, 2007, p. 12). E esse seria um ponto fundamental a ser explorado nessa busca de sentidos causados pelo silenciamento dos indígenas na constituição do Brasil e, que irá se repetir na constituição do Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, o locutor-indígena enuncia pelo silêncio: “Há injunção dos sujeitos da linguagem em estar nos sentidos, sejam estes “feitos” de palavras ou de silêncios.” (Orlandi, 2007 , p. 72)

Orlandi trata do silenciamento do indígena afirmando que:

[...] o silenciamento produzido pelo Estado não incide apenas sobre o que o índio, enquanto sujeito faz, mas sobre a própria existência do sujeito índio. E, quando digo Estado, digo Estado brasileiro do branco. Estado este que silencia a existência do índio enquanto sua parte e componente da cultura brasileira.

Neste Estado, o negro chega a ter uma participação. De segunda classe, é verdade, mas tem uma participação à margem. O índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado. [...] “Os portugueses descobriram o Brasil”. Daí se infere que nossos antepassados são os portugueses e o Brasil era apenas uma extensão de terra. “Havia” selvagens arredios que faziam parte da terra e que, “descobertos”, foram o objeto da catequese. São, desde o começo, o alvo de um apagamento, não constituem nada em si. Esse é o seu estatuto histórico “transparente”: não constam. Há uma ruptura histórica pela qual se passa do índio para o brasileiro, através de um “salto”. (Orlandi, 2008, p. 66)

Nessa trajetória, quando mencionado, o nativo era apresentado sempre como alguma forma de ameaça, de perigo: “O índio outrora bravio vai pouco a pouco se pacificando e *permitindo* a ocupação mais ou menos efetiva da gleba.” (Pereira, 1958, p. 13 – grifo nosso). Era ele o vilão, em oposição ao “mocinho” colonizador: “Aí pereceria grande parte dos europeus às mãos da indiada rebelde [...]”. (Filho, 1958, p. 17).

Outra questão a ser observada na carta de Caminha, diz respeito à identidade ou negação da identidade do nativo

[...] O índio, ao contrário do que se esperava, não é um oriental (*o seu nome é um equívoco*) e todo o saber sobre o exótico, seja ele o do mais familiar, africano, ou mais

estranho (apenas noticiado), oriental, não se adapta ao *ente descoberto*” (FONSECA, 2000, p, 10 – grifos nossos).

Retomando a questão posta por meio de “*o seu nome é um equívoco*”: perguntaríamos: “nome”?; “Que nome?”. Ora, mais uma vez o personagem necessário, reduzido a ser o “*ente descoberto*”, passa - ou salta – a ser a partir do colonizador. São negados a sua existência, o seu território e o seu nome, ou seja, tudo o que ele era/é.

Se para “A enunciação dos nomes [...] é sempre uma enunciação a partir de outra enunciação.” (2005, p. 47), um ser sem nome é um ser sem passado, logo não é, não existe é um “não ser”. Entretanto, essa mesma negação, tentativa de silenciamento, produz o efeito de sentido de um “não nome” enunciando um enunciado negado: “havia/há um nativo.

Os Terena

As questões relacionadas à colonização do território causou dispersões. Por volta da segunda metade do século XVIII, os terena, e outros grupos pertencentes aos Guaná (Layana, Kinikinao e Exoaladi) atravessam o rio Paraguai, passando a se fixar na atual região de Miranda – MS: “Os demais grupos Guaná (Terena, Layana, Kinikinao e Exoaladi) teriam atravessado o rio Paraguai, em ondas sucessivas, a partir da segunda metade do século XVIII, e se instalaram na região de Miranda”. (Oliveira 1960, p. 27)

A História oral circundante dentre os anciões terena considera “um marco histórico” a saída dos Terena do Êxiva, região do Chaco. Um “marco” porque pontua uma nova fase na história desse povo. Na região do Mato Grosso do Sul, os Terena procuraram estabelecer residência em áreas com terras que permitissem a agricultura. Esse período fica intitulado como “KúxotiKáxe” - Tempos Antigos – essa etapa vai até a Guerra do Paraguai. Como estratégia de preservação de seu território, os Terenas se juntam ao exército brasileiro, porém, esse objetivo nunca foi alcançado.

Antes da Guerra do Paraguai, os Terena conservavam seus costumes e tradições, viviam de forma harmoniosa entre si e em relação aos *purútuye* (não indígenas) da vizinhança. Após ter seus costumes transformados por contatos com os não indígenas, recebem como denominação o termo “Bugre”, expressão pejorativa, extremamente ofensiva.

Eles tiveram suas terras delimitadas na era Rondon, que também era filho de terena.

Há várias décadas, esse povo vem construindo sua autonomia, por meio de confrontos e lutas, de estudos, passando a ocupar cargos em diversos segmentos da sociedade, passando a residir nas cidades, onde se alojam construindo as chamadas “Aldeias Urbanas”. Entretanto

muitos deles lutam para melhorar sua qualidade de vida mantendo o que resta de suas culturas e tradições nas próprias aldeias, ou, “nas bases”, como se diz. Assim fazem um processo de reconstrução da própria organização social e da identidade, uma vida entre famílias. Hoje somam aproximadamente 25. 000 *terenoé*, em sua maioria no Estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo Reginaldo (2017):

O ancião J R define a noção de *tronco* da seguinte forma: “O Terena é igual uma árvore, vai sementando em volta”. Usando essa metáfora de uma árvore frutífera que espalha sementes ao seu redor, ilustra como vão nascendo novas árvores. Desse modo, a família terena é bem assim: vão se constituindo novas famílias e construindo suas casas próximas ao seu *tronco* familiar.

A sociedade terena desenvolve suas formas próprias de funções sociais: tem a figura de pacificador entre o grupo, para intermediar uma estabilidade conjugal; unir parentes e para aconselhamento dos jovens.

Mediante a organização social, ocorre ainda a questão da delimitação de espaços, bem como a localização e identificação desses espaços. Nesse sentido, algumas transformações vêm ocorrendo. Como exemplo, pode-se citar a Aldeia Buriti, que vem sofrendo um processo de mudança em seu próprio nome, ou renomeação. Anteriormente era nomeada de *Invernada*. Esse acontecimento de linguagem tem como memorável o período de batida policial local, que levou os fazendeiros a esconderem seus gados naquele lugar.

O nascimento da da “Colônia Buriti”

O surgimento da Terra indígena Buriti (TIB), situada em área de dois municípios do Mato Grosso do Sul (MS): Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, ocorre por conta de um indígena, conhecido como José Ubiratam, da etnia Bororo. À época do Marechal Rondon, teria vindo para a região com uma carta, trazida do Rio de Janeiro, então Capital da República Federativa do Brasil, a mando do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), criado em 1910. Essa carta teria sido enviada por Rondon para tratar do recolhimento de inúmeros indígenas.

Esse tronco, ao qual pertencia Lúcio, ainda criança na época, era composto por seis famílias nucleares, que vieram para a Terra Indígena Buriti, motivadas pelo convite de um índio identificado pelos atuais Terena como pertencente à etnia Bororo, de nome José Ubiratã, que teria sido criado pelo general Cândido Mariano da Silva Rondon e trabalhado no SPI. Sua tarefa era convocar os Terena a deixarem as fazendas em que trabalhavam, em condições

altamente desfavoráveis, para se recolherem nas reservas indígenas onde receberiam a proteção do governo. (OLIVEIRA, 2012, p. 138-139).

Segundo o teórico, seis famílias foram as originárias do povoamento das primeiras aldeias, algumas vindas a partir da família Sol, e outros representados por troncos já residentes no local, são eles: Família Jorge (desde a metade do Séc. XIX); Família Sol (1920); Família Gabriel e Família Antônio da Silva Justino; Família Mamede e Família Reginaldo.

O autor traz o registro do chamado “Diagrama de Lúcio Sol”, onde aparecem os nomes dos primeiros habitantes da reserva:

Diagrama de Lúcio Sol

1. Amâncio Sol, faleceu por volta de 1924 na epidemia de febre amarela.
2. Carolina Jorge, faleceu na epidemia de febre amarela.
3. Lúcio Sol, 88, nasceu na fazenda Conceição, atual município de Nioaque.
4. Francisco Jorge, nasceu na área objeto da perícia, falecido.
5. João Jorge, nasceu na área objeto da perícia, também conhecido como Imoikovoti ou João Chalana, um dos antigos troncos da família Jorge em Buriti.
6. Justiniano Jorge, nasceu nas margens do córrego Cedro em 1904, falecido.
7. Helena Bueno, falecida.
8. Benício Jorge, 66.
9. Demêncio Jorge. 142
10. Basílio Jorge.
11. Venício Jorge.
12. Bento Sol, 50, filho adotivo.
13. Moisés Sol, 30, filho adotivo.
14. Lúcio Sol, 24, filho adotivo. Obs: A adoção é muito comum nos troncos em formação, como forma de ampliar o número de parentes co-residentes. Nesse caso, Lúcio Sol adotou três meninos, porque, segundo explicou, só tinha filhas mulheres.
15. Florinda Sol, 75.
16. Marlene Sol, 65.
17. Marilza Sol, 59.
18. Rute Sol, 58.
19. Dalila Sol, 55.
20. Izarita Sol, 45.

21. Eronita Sol, falecida.
22. Gersonita Sol, 34.
23. Augusta Jorge.
24. Deolinda Jorge.
25. Ambrósio da Silva Justino.
26. Vicente da Silva Justino, 74.
27. Antônio da Silva Justino (Farinheiro), falecido.
28. Teodora Sol Gabriel, falecida.
29. Armando Gabriel, 85. (OLIVEIRA, 2012, p. 141 – 142).

Nessa época, marcada pelo trabalho nas fazendas, em que os terena acabavam submetidos ao trabalho escravo, uma vez que o sistema imposto pelos fazendeiros os endividava. Os indígenas, trabalhando na função de “camaradas”, tinham de permanecer cativos nas fazendas. Os anciãos da região relatam o ocorrido em suas rodas de tereré, ou há registros nas limitadas obras sobre essa história que o Brasil não contava.

Como explicou o Terena Leonardo Reginaldo, 84, a chamada Guerra do Paraguai parece ter marcado profundamente a consciência terena, subsequente à participação na guerra veio o tempo do cativo, período em que esses indígenas foram obrigados a trabalhar praticamente como escravos nas fazendas; em seguida veio o tempo da camaradagem, quando viviam como agregados nas fazendas. Com a atuação do SPI, no início do século XX, foram demarcadas as primeiras reservas e teve início, então, a atuação do órgão indigenista oficial no sentido de recrutar os indígenas que viviam nas fazendas para o interior das reservas demarcadas como terra indígena. (OLIVEIRA. 2012, p. 128/129)

Esses relatos são coincidentes com algumas notações sobre a história do Marechal Rondon, ou seja, lendo partes da história do Brasil registrada pelos brancos, é possível identificar os acontecimentos que nossos anciãos relatam, ainda nos dias de hoje e correlacioná-los com os períodos históricos dos quais tentaram nos excluir.

E isto, por insistência de Rondon que ficou muito triste, na medida que se internava no sertão, constatar o estado de abandono em que viviam os índios, isolados do resto do Brasil e vistos como inimigos, ou vivendo como escravos a serviço do branco dominador e cruel. Foi

aí que decidiu, por volta de 1890, reverter esta situação e nela se empenhou a fundo por 68 anos, fazendo dela o norte de sua luta pela Humanidade e pelo Brasil”¹.

Parte da dificuldade de se registrar essa história, a história do meu povo terena, academicamente, está na falta de registros oficiais, e ou equívocos do que há. Fatos como a expulsão dos terena da região, por questões do já existente “agronegócio” - que para o indígena nunca foi bom – não apresentam registros oficiais que os fundamente. Nossos anciãos contam, como menciona também o pesquisador Oliveira (2012, p. 199) “Embora os Terena enfatizem o uso de forças policiais (captura), não encontramos documentos oficiais que comprovem estas ações, embora os relatos dos indígenas sejam contundentes a esse respeito”; e Azanha, no relatório sobre a ampliação da área da TIB.

Nesse sentido, muitos fatos não são registrados, como os embates com fazendeiros, e tentativas de retirar a terra indígena, perseguições, etc. Muitos registros já se encontram na obra de Oliveira.

Nós não os mencionaremos aqui porque não temos por objetivo, neste trabalho, aprofundar sobre as questões da TIB, pretendemos apenas estabelecer um breve histórico dessa área que sedia a Aldeia Água Azul.

Mapa da Terra Indígena de Buriti: (Oliveira, 2012, p. 13)

¹ <http://www.ahimtb.org.br/rondon.htm>



Figura 1: Mato Grosso do Sul com a indicação da Terra Indígena Buriti.

Imagem do Cemitério, parcialmente destruído por não índios. (Oliveira, 2012, p. 53)

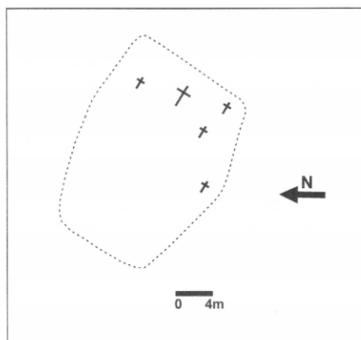


Figura 6: Planta baixa do cemitério da antiga aldeia Invernada com indicação das cinco cruzeiras indicadoras de sepultamentos humanos, sendo que a maior é *crucuz meirã*.

A chegada dos americanos

No início do Séc. XX, grupos de missionários Americanos se deslocaram para America do Sul, deixando seus país, obedecendo ao “Ide de Jesus”, com o propósito que Deus lhes colocara sobre, os povos indígenas do Sul do Brasil. A primeira comunidade a receber esses irmãos foi a aldeia Bananal, na região de Aquidauna, em 1912. Eles passaram por muitas dificuldades antes de se instalarem na aldeia, isso porque não tinham permissão do SPI

– Serviço de proteção ao índio, que na época assistia as populações indígenas. Depois de terem recebido autorização, os Americanos começaram o trabalho de evangelização.

Enfrentaram muitas lutas espirituais, mas também houve muitas conquistas, batismos indígenas e a implantação da primeira Igreja Evangélica Indígena em 1915. Porém os desafios não pararam por aí: era preciso expandir, ir mais além, ir em busca de mais aldeias e contar as bênçãos que o Senhor Jesus fizera nas vidas das pessoas indígenas, aqueles que entregaram a sua vida a Ele.

Assim, em 1928 dois missionários e dois indígenas da aldeia Bananal, chegaram na aldeia Invernada, precisamente na casa do Cacique Joaquim Teófilo, pedindo autorização para falar do amor de Jesus, e começar o trabalho de evangelização. Permissão concedida, os irmãos voltam para Bananal e se preparam para mais esse desafio. Depois de mais dois anos, o casal de missionários Americanos, Senhor Guilherme e Dona Florência chegaram e iniciaram o trabalho evangelístico na aldeia Invernada.

A palavra de Deus foi pregada, e uns dos primeiros a entregar a sua vida a Jesus foram o senhor Benedito Reginaldo e a Sra. Rosalina Reginaldo, que, juntamente com outras pessoas, entenderam que a mensagem propagada beneficiava suas vidas, material e espiritualmente, por isso se dedicaram a lutar em favor do evangelho.

As lutas, os obstáculos surgiram, como era esperado. O então cacique da aldeia Invernada, foi contra o evangelho e tentou de várias maneiras impedir a expansão das boas novas de Jesus.

Um dos acontecimentos marcantes relatados foi o aprisionamento do indígena a fim de intimidá-lo e fazê-lo negar sua fé. Ação a que ele resistiu firme. Outro fato ocorre quando o cacique e seus liderados rasgaram inúmeras folhas da única bíblia de Benedito Reginaldo. Muito abalado e com palavras sábias e inspiradas por Deus, disse que cada folha rasgada seria uma alma salva para Jesus. Como “A porta que Deus abre, nenhum homem pode fechar” (Apocalipse, 3:7), bênçãos e mais bênçãos recebiam, e cada vez mais pessoas juntavam ao grupo.

Somado ao trabalho evangelístico, a pedagoga Cristina Camerom trabalhava na área da educação, e a enfermeira Lorena na área da saúde o que também contribuía para o crescimento da obra missionária.

Em 1938, os fazendeiros expulsaram os moradores da Aldeia Invernada, foi nessa época que houve uma grande dispersão das famílias. Uns foram para o outro lado do Córrego e outros partiram para trabalhar nas outras fazendas, longe do grupo. Com o passar do tempo,

com o aumento da população, Missionário Guede e Dona Cristina compram uma área de 2 hectares, da proprietária Marta Mascarenha, que morava em outra fazenda na região de Palmeira. A princípio seria apenas um, aconteceu que alguém da família da proprietária foi contra, porém ela disse assim: “Não essa tal de igreja, e tal de escola é para todo mundo, então um hectare é pouco, vou doar mais um.”. Ainda hoje esses dois hectares são utilizados com objetivo de edificação da igreja, e continuação dos trabalhos de evangelismo.

À mesma época, chega à comunidade uma caravana de Americanos, os quais constroem uma escola e a Senhora Dona Cristina, junto do missionário Guede, fundam também uma Igreja, já que havia necessidade dessa instituição, pois a população começava a aumentar. Quando Benedito vem para aldeia, já ocupa o lugar de destaque sendo liderança. No primeiro momento, ocupa o cargo de escrivão do Cacique Joaquim Teófilo (antes mesmo do Estado decretar a posse da terra. Em seguida, a posição de cacique da Aldeia Água-Azul. Assim recebem outras famílias que vêm, com o seu consentimento, fazer morada.

A aldeia Água Azul

A comunidade alvo desta pesquisa, está situada na Terra Indígena de Buriti. A TIB reúne um conjunto de 11 aldeias, totalizando, aproximadamente, 4 074 pessoas: Barrerinho (131); Buriti (844); Córrego do meio (590); Lagoinha (320); Nova Buriti (175); Nova Tereré (111); Olho d’Água (242); Oliveira (181); Recanto (270); Tereré (887) e Água Azul (323)

AS CONSTRUÇÕES POSTO; TELECENTRO

Uns dos grandes feitos que esses primeiros habitantes realizaram, foi a construção de estrada para ligar a aldeia a outras comunidades, através de mutirão. Á base de serviços manuais, construíram, “trieiros”, pinguelas e pontes de madeira rústica, na década de 48 a 55. No ano de 1961, iniciaram a construção do campo que levava menos de um ano. Tudo feito na força da mão e união, utilizando machado, enxada, enxada, picareta e foice.

Como anteriormente só a aldeia Córrego do Meio possuía campo de futebol, era necessário andar quatro km para a prática desse esporte. Faziam o trajeto a pé. Essa foi a principal motivação para a construção: a comunidade via a necessidade e a importância desse feito, por isso todos os moradores se sensibilizaram, abraçando o trabalho. Foram unânimes em colaborar com esses desbravadores. Fazia parte da equipe, anciãos, anciãs, crianças e jovens da aldeia, além dos amigos e vizinhos.

Idealizado por esses heróis fundadores, dentre os quais alguns eram atletas: Leonardo Reginaldo, Olímpio Reginaldo, Manoel Pereira Clementino, Adorfo da Silva, Liberalino da Silva, José Jorge, Etevaldo Alcântara, Tomé Lourenço, Moisés Lourenço; Constâncio Mário, Martin Mário, Antonio Mário, Izaria Silva, Luis da Silva, Antonio da Silva, Avelino da Silva, Estevão Reginaldo, Abrãao Reginaldo, Oswaldo Reginaldo, Carlos Delfino, Benedito Reginaldo Filho, Faustino Reginaldo, Tiago Reginaldo, Tadeu Reginaldo, Josué Reginaldo e Josias Reginaldo.

Naquele ano a aldeia já era administrada pelo Cacique Leonardo Reginaldo. Não demorou muito tempo convida o pessoal que jogava bola (1966 a 1989). O qual passam a inaugurar o primeiro campo de futebol, da referida aldeia, neste dia foram convidadas algumas equipes conhecidas dos patrimônios vizinhos e que também promoviam o mesmo tipo de esporte, atualmente é muito preferido entre os terrenos da aldeia Água – Azul. Devido a constantes mudanças que ocorrem, hoje podemos conferir em sua grande totalidade, números elevados de equipes feminino praticando não só o futebol, bem como outras modalidades de esporte, o que na década de 60, início da construção do campo, não existia formação de equipes feminino jogando futebol.

???? CONTINUAR

Economia, Plantação, Renda

A manutenção econômica das famílias vinha do trabalho nas fazendas. Alguns deixavam as famílias e iam em busca de alimentação, quase ninguém plantava, não faziam lavoura. Tudo era extraído da natureza, muito poucos plantavam em volta de casa. Alguns tinham cana, viviam da cana, faziam rapadura e melado para vender ou trocavam, conforme o costume dos terrenos.

Até que um chefe chegou, coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa. Segundo os anciãos ouvidos, ele afirmou “a aldeia está demais, ninguém faz nada!”. A partir daí ele reúne uma equipe, então partem em busca de ramos e organiza uma plantação de mandioca.

Criação da Cooperativa

Com o aumento da população, na década de 80, percebem a necessidade de organizar uma cooperativa para resolver as questões da dificuldade de deslocamento para a compra de alimentos: erva, óleo, sal, cebola, arroz, macarrão feijão e outros. Segundo os anciãos:

Ao invés de irmos, perder um dia, dois dia à Sidrolândia, achamos por bem, fundar uma cooperativa, sendo que cada morador contribuíssem como se fosse um associado, tinha um valor que cada pessoa deveria contribuir, para o início, começando com três mil cruzeiros, ia andando muito bem, e com o próprio lucro da venda do mês, conseguia pagar o funcionário atendente. Foi uma iniciativa louvável de aprimorar a situação e facilitar a viagem de muitos que não tinha condições de ir à cidade por falta de condução, e as mercadorias eram adquirida e comprada no município de Anastácio – MS, no Supermercado Kambuca, o que ainda era locado um caminhão do mercado, para trazer os produtos ao passo que Dois Irmãos ainda era distrito e denominava Cascavel. A Cooperativa teve uma duração de três ano, e quando os associados perceberam que a coisa ia de vento em popa, houve aquela situação: “puxa eu vou querer a minha parte, aí vem o outro e diz a mesma coisa, o que não restava mais nada, a não ser devolver o que pertencia a cada um dos contribuintes. Alguns tomaram prejuízos, pois foram vendidas vários produtos fiado, mesmo não sendo aconselhado a vender desta forma, por esta razão, que não foram pagas até o momento. Mas como tínhamos confiança em alguém, acabou final do tempo não recebendo estes valores fiados, e onde vários perderam os valores que deveria receber, assim como os outros receberam. Assim a Cooperativa foi extinta, em uma vez que os associados, acharam que poderia andar com as próprias pernas, e já que tinha um valor suficiente, prateleiras super lotadas na casa onde armazenava. (ANCIÃO ESTEVÃO², 96 anos)

Sistema de documetações e registros

na década de setenta começou a desenvolver pois já existia chefe de posto e os casamentos passaram a ser através de registro documentado,

Organização social, costumes, hábitos e tradições na Aldeia Água Azul

Na década de sessenta, se um rapaz dissesse “pai eu quero casar, eu gosto da filha do fulano”, o pai dele pedia o consentimento do pai da moça, mesmo não sendo do consentimento dela.

O namoro não era como é hoje em dia, era na presença dos pais, com uma distância de três a quatro metros, ambos não poderiam ser tocados, era responsabilidade do pai resguardar a filha. Se a moça passasse a gostar do rapaz, formalizava-se o casamento.

² Em gravação de áudio.

O namoro respeitava costumes rígidos. Não eram permitidos beijos e abraços. Caso isso viesse a acontecer àquela época era considerado um escândalo, não era um hábito da cultura terena. Quando a criança nascia, já era escolhido o seu futuro pretendente.

A dança terena na Aldeia Água Azul

“Já na década de 1975, a dança terena era completamente esquecida” - comenta o senhor Josias, lembrando o que dizia o pai, o Sr. Leonardo Reginaldo - denominava kipaé.

Segundo ele, naquele mesmo ano, Gervasio Gabriel casou com uma terena da aldeia Bananal e de lá trouxe com muita ênfase a dança terena e passou a animar o pessoal influenciado pelo povo da referida aldeia. Depois vem João Pitoco, imigrante que também tem sua parcela de contribuição na “dança do bate-pau” e vai embora para o Estado de São Paulo, morar na aldeia Araribá, município de Havaí.

Roupas e utensílios domésticos

Na década de sessenta quem trabalhava na fazenda tinha condições de comprar melhores calçados e roupas, mas de quem vivia na aldeia, o calçado era feito de pneu de fusca sendo mais leve. Fabricavam as alpacas: furavam dos lados e amarravam com cordas; enfiavam o pé e já estava pronto o calçado.

Já para fazer as roupas compravam os tecidos e muitas vezes era aproveitada a bolsa de açúcar, de sal e de trigo, pois eram brancas. Podiam ser usadas para fazer camisa. Se quisesse diferenciar a cor pintavam por outra, compravam tinta encontrada nos bolichos da cidade.

As vasilhas eram aproveitadas de lata de leite condensado, litro de óleo, vasilha de gordura de gado. Alguns faziam potes de barro e purungo para armazenar água colocavam uma tampinha e iam só completando a água. Retiravam água das minas.

Quem trabalhava na fazenda comprava arma, denominada cartucheira para matar alguns animais existentes na região. Já o peixe era pescado por meio de ceva e pelo processo de bater timbó, uma espécie de madeira que era cortada e batida nas águas de lagoa. Com alguns minutos os peixes eram dopados sendo assim facilmente vinham para a flor da água e eram capturados.

Meio de transporte

Os meios de transporte usados na aldeia era cavalo e carreta (carro-de-boi). Na década de setenta e sete, somente Reberalino da Silva possuía carreta. O SPI possuía carreta e se

alguém precisasse estava à disposição de qualquer um, para atender algum tipo de trabalho, como puxar lenha, retirar madeira das matas e outros.

Àquela época, os bois da aldeia água azul tinham nomes, eram eles: Lencinho, Dourado, Pachola, Prateado e Canário. Um sempre servia de estepe, a cada viagem trocava um.

Artesanato

Já na década de setenta, ninguém se preocupava com o artesanato (colar, penacho, cerâmica).

A chegada da energia elétrica

Essa foi mais uma conquista dos guerreiros da Água Azul, na busca de melhor qualidade de vida e acesso às tecnologias. Seu Josias, narra o processo:

Em 1993 ela chegou pela petição das lideranças do PIN - Buriti, onde eu fiz parte, indo até a Campo Grande, na época tinha um chefe do posto, muito conhecido, muito animado, que até hoje ele é Jorge Antonio das Neves, o qual disse: “vamos encontrar com o governador Pedro Pedossian, no saguão do HU”. Reunindo-se com estes representantes indígenas e a solicitação encaminhada, o governador diz; “Estas propostas agora, não é promessa de campanha: isso é meu trabalho, e daqui 30 a 60 dias vocês estarão recebendo engenheiros que farão as devidas avaliações, e onde passará a rede elétrica”.

Assim a rede de energia elétrica, chega a Buriti, depois a córrego do meio e por fim a Aldeia Água Azul.

Os primeiros funcionários da Região

(1912: nasce água azul; Sr Benedito

Reginaldo, sai

Na ausência de literatura histórica sobre a formação da Aldeia Água Azul, seguindo a trajetória proposta de autoria indígena da própria História, as informações aqui registradas foram coletadas dentre anciãos e moradores da comunidade.

No ano de 1975, Estevão Reginaldo atuava como professor na aldeia Água – Azul, contratado pela FUNAI e Antonio Jorge contratado pelo Município de Anastacio como alfabetizador de Mobral, e na aldeia Recanto Rute da Silva, no programa Mobral, na aldeia Buriti, Ramão Pinto, no Córrego do Meio Lucio Dias, mais para frente, Nilo Delfino, neste período nenhum desses educadores eram formados, mesmo assim faziam e atendiam o ofício

que a eles foram confiados. Em 2000 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Câmpus de Aquidauana, iniciam-se os primeiros professores e então ministram aulas na referida aldeia e unidade escolar.

Os meios de comunicação

Antigamente o rádio já estava presente, e funcionava à base de pilha, era o único meio de comunicação na década de 70, era muito comum o rádio de mesa, conectado a um fio e erguido a uma altura de 5 metros, para melhor capturar as ondas de frequência. Nos anos de 78, aproximadamente, era - e ainda hoje é - hábito dos Terena, nas madrugadas levantar e acender fogo e, em roda, as famílias antes de ir à lida, tomava o chimarrão e ouvia, acompanhando o programa de grande audiência do comunicador Zé Bétio, radialista, cantor, acordeonista e compositor brasileiro. Considerado um dos maiores nomes do rádio, fez muito sucesso nos anos 1970 e 1980.

Outro meio de comunicação muito usado eram as cartas enviada às famílias que moravam distante, em cidades ou outros Estados. As cartas eram encaminhadas pelo viajante, ou postadas nos correios da cidade mais próxima.

A televisão, seu Josias diz recordar muito bem, nem todos tinham. Ele, como já era funcionário, conseguiu adquirir uma TV da marca Philco preto e branco, funcionava à bateria. A carga durava duas semanas, assim que acabava, a “carga” era levada através de cavalo ao Posto da Funai, onde havia um motor, uma espécie de gerador. A bateria era carregada durante 2 dias, e assim poderíamos assistir novamente as programações na década de 80: “Em 1982, assistimos pela primeira vez, a Copa do mundo na Espanha, vieram várias pessoas, amigos vizinhos, de outras comunidades para assistir o jogo entre Brasil e Itália em minha casa. Neste jogo, a seleção fica pelo caminho e é eliminada nas oitavas de finais desta competição”, conta o Sr. Josias.

Em 2008 é instalado também outro meio de comunicação denominado orelhão, em que se faziam as ligações utilizando um cartão com unidades, sendo que acabando as unidades a ligação era interrompida. Em seguida, em 2010, há um aumento de consumo de celular móvel, e junto, em algumas residências instalam aparelhos telefônicos convencionais.

Em 2014 chega sinal da internet via rádio na aldeia Água Azul, tendo como provedora a Empresa Hobby, conectando de vez o índio Terena, ao mundo de informações, da janela para o mundo.

Escola Evangélica Benedito Reginaldo

Para cursar e terminar a educação básica, do quinto ao nono ano, era muito difícil, e isso perdurou por vários anos, o ensino ocorria apenas do primeiro ao quarto ano, de forma multisseriada. Há relatos de que alguns eram reprovados. Além disso, para continuar e terminar o ensino fundamental, teriam que ir para a cidade e assim concluir essa primeira etapa escolar.

Na década de 1980, os pais encaminhavam seus filhos para a Escola Evangélica Lourenço Bakhemen, no Distrito de Taunay, município de Aquidauna, em sistema de internato, aos cuidados de um responsável, o mesmo aconteciam com as filhas. Lá permaneciam durante os dias letivos, vinham para as suas casas somente nas férias de julho, que duravam duas semanas, em seguida, retornavam para terminar o segundo semestre.

No final dessa década, os nossos anciãos da 1 Igreja Água Azul, preocupados com a saída desses jovens Terena tiveram uma ideia, conforme o Sr. Misael Roberto Reginaldo:

Eles foram tocados e disseram ‘vamos orar, para que facilite a educação e aproxime de nós, nossos filhos, sobrinhos e netos. Esses anciãos dobraram o joelho por um bom tempo, em um barracão de bacuri da igreja, clamando a Deus, para um início de uma escola a nível Fundamental e com o Ensino Médio completo. Nessas petições dos irmãos, ao mesmo tempo, a irmã paulista Zuleika Ramos Sanches, também orava à procura de um campo como missionária para levar a sua escola, no sentido de desenvolver a educação e junto missões.

Os relatos contam que a professora e missionária havia visitado outros lugares ou estado, e sente que não era neles que deveria ocorrer a implantação da mesma. Nesse período, o missionário Luiz Bethencurt encontra com ela em uma viagem e a convida para uma visita à igreja evangélica da aldeia Água Azul, UNIEDAS.

A professora fica comovida e sente, que era para a Água Azul que deveria trazer a sua escola. Ela chega em 1992 e, nesse mesmo ano inicia os trabalhos com os alunos. Para concretizar o seu chamado, a Professora leva todos os materiais necessários, indo “de corpo e alma” para aquele desafio. Permanece na Aldeia por um período de 3 anos.

Sendo uma escola evangélica, leva o nome do “grande mártir” da aldeia, Benedito Reginaldo, tornando-se Escola Evangélica Benedito Reginaldo. A escola não era vinculada a nenhum órgão governamental, municipal nem estadual. Os professores, as merendeiras, o quadro em geral de funcionários, eram todos voluntários. Também não tinham formação, nem havia um prédio no local. A escola funcionava na antiga sala da FUNAI e no barracão da igreja.

Saúde na aldeia Água Azul

Os primeiros atendimentos para tratamento de saúde na Região, acontecem apenas em três aldeias: Comunidade Buriti, Córrego do Meio. Não havia enfermeiro qualificado que pudesse exercer o posto de trabalho. No período de 1960 até os anos de 1970, quem fez essa função, mesmo sem ter uma formação, foi Estevão Reginaldo, da aldeia Água Azul, orientado pelos Missionários Americanos, a fim de auxiliar em algumas situações.

Assim o Sr. Estevão Reginaldo atuou tanto na educação quanto na saúde, sem uma capacitação teórica, mas aprendeu com a prática. Todos os que necessitassem tomar uma injeção procuravam-no.

No ano de 1967, foram convocados Abadio Gabriel e Armando Gabriel, para uma capacitação em Dourados , para exercer a função de enfermeiro. Abadio Gabriel, tendo continuado, foi contratado pela Funai.

Já no final do ano de 1970, surgiu outro convite da Funai para a comunidade Água Azul e Buriti. Josias Reginaldo e Joaquim Figueiredo Neto foram convidados para fazer uma capacitação, pelo período de dois meses, em Dourados – MS, como preparação para exercer a função de enfermeiro em suas comunidades.

A demanda da população tornava necessárias essas formações para que e prestassem atendimentos adequados. Realizadas as capacitações, voltaram para a aldeia e, em seguida, foram admitidos pela Funai.

Em Janeiro de 1972, o indígena Josias Reginaldo, é convidado para atuar em Alves de Barro, onde inicia o trabalho de enfermeiro entre o povo Kadwéus. Seria, então, a Aldeia Água Azul oferecendo profissional da saúde para outra etnia.

Depois de um ano Joaquim Figueiredo Neto, retorna para a comunidade Buriti, ficando ele e Abadio Gabriel como atendente na saúde indígena Buriti. Em 1975 o enfermeiro Josias Reginaldo retorna para a aldeia Buriti. E em 1977 recebe uma portaria como chefe substituto, devido ao chefe do PIN – Buriti, não permanecer com freqüência na aldeia. Em entrevista, o Sr Josias, enfermeiro à época, relata as condições de trabalho que enfrentavam:

O atendimento era em um lugar inadequado, porque não tinha posto de saúde, não tinha nada preparado para atender os pacientes, muito menos medicamentos, - recebíamos um pouco, apenas uma caixinha que a FUNAI nos doava. A saúde inicia assim entre o nosso povo, por muito tempo não havia ninguém que cuidasse, dos nossos parentes que foram antes nós.

A aplicação das injeção nos paciente: era fervido em uma caixinha com água e dentro colocava a agulha de metal e as seringa de vidro no processo de esterilização. Não demorou muito tempo, começa a mudar a forma dessa utilização, de maneira descartável, uso único de material. Tipos de sintomas que eram medicado neste tempo, índice de dor de barriga, diarréia por não ter água tratada, febre, tosse, muitos incidentes de tuberculose, pneumonia que mais agravava as crianças, já o índice de pressão alta e diabetes era baixo. Lembrando que a água consumida neste tempo era retirada dos rios, minas, cacimbas e poços perfurados.

Casos de urgência era preciso ser encaminhado às cidades mais próximas feito desta forma: pegando carona ou contratando alguns visinho fazendeiros, o paciente era carregado na rede pelos familiares até algumas alturas, pois as nossas estradas era precária e não oferecia condições de entrada de carro até a aldeia. Em 1975, voltando da aldeia Alves de Barros, hoje atual Bodoquena, venho para aldeia Buriti para exercer a função de enfermeiro, mas com a residência na aldeia Água – Azul, onde também já residia meus tronco familiares, eu fazia este percurso ao trabalho , todos os dia, de segunda - feira a sexta – feira, saindo de casa às 06:00hs da manhã e chegando às 07:30 no PIN - Buriti , sendo este percurso a pé, não tinha bicicleta e nem carro, e fazia a minha refeição na aldeia córrego do meio, como era mais próximo da aldeia Buriti, fazia este trajeto de 25 minuto a 30 minuto até a casa de minha sogra Irena Gabriel; 15 para às 13hs, retornava novamente as atividades até às 17hs. Terminado os expediente, fazia o itinerário de volta para a casa. Isso durou até o ano de 2000, sempre a pé, preocupado com a saúde de meu patrício e preocupado com os meus horários, sobretudo era um servidor e teria que fazer jus do meu salário por mês, em uma vez que era pago pra isso e começo a exercer o meu trabalho em minha terra Natal.

Uma peculiaridade nessas relações de trabalho de seu Josias: quando precisavam de seu atendimento, alguns patrícios se dirigiam até à estrada para conferir as marcas de seus sapatos e assim se certificavam de que ele já teria iniciado o atendimento, então já podiam ir.

No início de 2000, a FUNAI foi notificada de que haveria uma mudança, na reestruturação de suas bases de trabalhos, e que a FUNASA passaria a responder pelas demandas relacionadas à saúde indígena. O que, segundo o Sr. Josias, “aconteceu de forma extraordinária, plausiva e gradativa”, com a chegada de frota de carro, bicicletas, médicos, enfermeiros, dentistas - sendo um veículo exclusivo para trazer estes profissionais até a aldeia, e outro para atender casos de emergência.

No mesmo período, a instituição já foi preparando outros profissionais indígenas para ocuparem esses trabalhos em suas comunidades. À medida que a demanda ia aumentando, iam também se dividindo e criando novos postos de saúde em parceria com a prefeitura. O senhor Josias comenta os progressos no atendimento à saúde: “Vieram novos companheiro a somar comigo, até aqui eu já não era mais sozinho, hoje temos vários colegas enfermeiros que foram capacitados para este trabalho árduo e brilhante ao mesmo tempo, e que hoje tenho plena convicção que não é para qualquer um.”

Em 2010, a FUNASA deixa de existir e passa a denominar SESAI – (Secretaria Especial de Saúde Indígena). Em 2013, já havia companheiros suficiente para atender em diversos postos de saúde. O então enfermeiro Josias recebeu convite para ocupar o cargo de coordenador do Pólo base em Sidrolândia, responsável pelas, então, doze aldeias, desse município e de Dois Irmãos do Buriti, e ele enfatiza “onde ainda atuo até o exato momento”.

Com a palavra os patriarcas: seção fundadores

Nesta parte do trabalho, não contaremos a história como autor deste trabalho, mas ecoarão aqui as vozes de alguns homens, guerreiros, participantes da História da Aldeia Água Azul, construtores da História deste país, hoje Brasil.

Entrevista com o Ancião Estevão Reginaldo “(dia 18 de outubro, às 10hs)

Joel: quais as famílias que vieram para invernada³ buriti na década de 1930?

³ No relatório intitulado Memorial sobre as Terras do Córrego Burity, do coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa, que exerceu diversos cargos no SPI, consta, por exemplo, que era o termo aplicado localmente para designar um lugar de concentração de algumas famílias indígenas. Esse local passou a ser denominado Invernada porque ali os fazendeiros esconderam seu gado durante períodos de turbulência política local. O referido documento atesta ainda que o termo colônia era usado para fazer “referência aos índios”, ou seja, aos da Invernada e de outros locais por eles ocupados na área objeto da perícia. Assim, naquele período (primeira metade do século XX),

R: vieram de perto de brejão catingueiro que eram os seus pai, foi o primeiro fundador da aldeia que antigamente era invernada..

J: Quem eram as primeiras famílias do Benedito Reginaldo e Rosalina Reginaldo, que vieram para região.

J: porque que vieram para Ca?

E; chegou uma carta na fazenda dizendo que o Benedito tinha que vir para Ca porque aqui era dele , e que na fazenda ele não poderia permanecer.

J: vieram de quê?

E: Enfim na região era muito falado, Dr. Machado que trouxe ele para cá.

J: Eles trabalhavam na fazenda?

E: Eles trabalhavam de carreta, trouxeram arame...

J: O que construíram primeiro aqui na água azul?

E: foi construído ali onde é a casa do cacique, a escola, e quem entrou como professor era José Ubiratan vindo de Brasília.

J: Por que vieram parar na missão?

E: enquanto a escola era lá embaixo, chegou um pequena caravana, Guilherme, dona Florencia, dona Crisitina e Ilarina, vieram da terra Norte America, como era o nome da casa, Igreja e Escola.

J: Vieram para ensinar as indiadas?;

E: Sim porque tudo era formado. D. Cristina professora e Ilarina, enfermeira, todas de grau.

J: Quem comprou a área e quem era o dono da fazenda?

E: foi Guilherme. Guilherme era o moço que era marido da Florencia.

J: Quem era o fazendeiro?

E: Era D. Marta Mascarenha, morava em Palmeira,

J: Quantos hectares foram comprados?

E: foi comprada uma hectarea. Aconteceu que um fazendeiro foi contra, Dna. Marta diz assim: “Não. Tal de igreja, tal de escola é bom para todos, uma hectarea era pouco, vou doar mais uma hectarea”, foi por isso que tem duas hectare”.

J: depois construiu a igreja na missão?

E: construiu de capim, a igreja e escola.

J: primeiro que vou comentar quando aprontou escola, Guilherme preparou para ir embora para bananal. Lá mandou um família Terena, Jolião Valerio veio para Ca , e tomou conta, questão de quatro e três anos. Depois de Jolião Valério veio um tal de Sebastião Serrano e tereno também. O nome dele em terena: ‘Hitóto’ . Aí começou criar aluno na própria escola aqui, depois que Hitóto foi embora.

J: depois que ele vai embora o Sr. Assume como professor?

E: Aí começou escola, igreja e muita gente apareceu para visitar este trabalho, purutuy, índio, Paraguai e tudo veio muita gente visitar.

J: Em que ano que o Sr. começa a dar aula?

E: Quando Sebastião vai embora. Eu era aluno do filho dele, ele me indicou que ficasse no lugar dele como professor desde esse ano. Mais ou menos 1936 e 1937, me indicou, até o tempo do SPI. O SPI, também veio do Rio de Janeiro, pra percurar se eu podia aceitar. Eu falei assim: “já tou mesmo, vou aceitar, assim veio depois, uns três quatos anos FUNAI. Apareceu a FUNAI, mandou uma equipe também a fazer a mesma coisa e preparar para professor, 1946 por ai. Esse ano FUNAI começou. Demorou um pouco. Muito trabalho, mas eu me lembro, 1946. Aí, depois de pegar a escola, comecei trabalhar na FUNAI.

Eu ganhei arroz com casca. Não tinha dinheiro. Ganhei seis saco de arroz. Trouxeram em casa. Ffalou assim pra mim: “ não tem dinheiro, mas tem arroz, é comida!” Eu não Falei nada eu comi o arroz... Depois comecei trabalhar, foi 62 por aí, na FUNAI.

Não tinha merenda, merenda era fruta, mandioca assado com castanha de coco quebrado, e os filhos do fazendeiro - tinha filho de fazendeiro na minha escola - trazia leite, mandioca fermentado para merenda deles. Mas vemos firmeza do nosso povo. Pessoal

começavam os pais as mães perguntar o que que precisavam, engraçados aqueles pai, primeiramente eram assim, “como é que estavam o menino a menina?” me visitava, perguntava o que que tinha, hoje é diferente né, Joel? **...(8m14s).**

Referências Bibliográficas

CAMINHA, Pero Vaz de. A carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf, acesso em 01/05/2016.

FONSECA, Luís Adão da. O sentido da novidade na carta de Pero Vaz de Caminha. Revista USP, São Paulo, n. 45, p. 38-47, março/maio 2000. Disponível em www.revistas.usp.br/revusp/article/download/30107/31992, acesso em 01/05/2016.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz, Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1980.

LIMA, Francisco Ferreira de. Gândavo e a História. Labirintos. UEFS. Feira de Santana-BA, nº 08, segundo semestre/2010. Disponível em http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/04_dossie_francisco_ferreira_de_lima.pdf, acesso em 01/05/2016